Artigo original Recebido em: 03/07/2018 Parecer emitido em: 15/08/2018

O *BULLYING*: SUAS MANIFESTAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Guilherme de Oliveira Gonçalves[1]
Everton Luís Deiques[2]
André Xavier Peres[2]
Miguel Cerva Melo[3]
Carlos Alberto Rosário Izidoro[4]
[1]Centro Universitário FADERGS
[2]Deiques Companhia Esportiva
[3]Rede Municipal de Ensino de Alvorada-RS
[4]Centro Universitário FADERGS

RESUMO

O *bullying* é um tema que vem sendo alvo de debates e produção acadêmica, buscando conhecer melhor esse fenômeno e procurando formas eficazes para solucionar este problema. Este artigo busca compreender como ocorre o *bullying* nas aulas de educação física bem como refletir estratégias para diminuir sua ocorrência. A metodologia utilizada foi a pesquisa documental utilizando artigos publicados a partir de 2008. As formas mais frequentes de *bullying* são: verbal; física e material; psicológica e moral; sexual; virtual ou ciberbullying. Nas atividades competitivas podem acentuar-se comportamentos associados ao *bullying*. Presenciam-se muitas vezes no ambiente escolar, práticas de *bullying*, porém a maioria ocorre sem o conhecimento dos professores. Pode-se dizer que toda comunidade escolar, direção, professores, alunos e pais devem ser agentes fundamentais para o combate do *bullying*.

Palavras-chaves: *Bullying*. Escola. Crianças. Educação Física.

BULLYING: ITS MANIFESTATIONS IN PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

Bullying is a subject that has been the subject of debates and academic production, seeking to know better this phenomenon and looking for effective ways to solve this problem. This article seeks to understand how bullying occurs in physical education classes as well as to reflect strategies to reduce its occurrence. The methodology used was documentary research using articles published since 2008. The most frequent forms of bullying are: verbal; physical and material; psychological and moral; sexual; virtual or cyberbullying. In competitive activities behaviors associated with bullying can be accentuated. Bullying practices are often present in the school environment, but most occur without the teachers' knowledge. It can be said that every school community, direction, teachers, students and parents must be fundamental agents in the fight against bullying.

Keywords: *Bullying*. School. Children. Physical Education.

GONÇALVES, G. de O., DEIQUES, E.L., PERES, A.X., MELO, M.C., IZIDORO, C.A.R., O bullying: suas manifestações na educação física. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.17, n.03, p.87-95, 2018. ISSN; 1981-4313.

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um tema que vem sendo alvo de debates, e produção acadêmica, visando obter maiores esclarecimentos e procurando formas eficazes para solucionar este problema. Podemos definir o *bullying* como qualquer comportamento ou atitude agressiva intencional, repetitiva e realizada dentro de uma relação desigual, em termos de poder, entre vítima e agressores (SILVA *et al.*, 2014).

O *bullying* não é um assunto novo, ou seja, desde a antiguidade a sociedade já vivenciava casos de violência, sendo que com o aporte da mídia ela apenas ganhou maiores proporções (OLIVEIRA; SILVA, 2012).

O termo *bullying* é de origem inglesa, que por não existir palavra adequada em língua portuguesa capaz de expressar corretamente sua tradução, e abrangência, foi adotada no Brasil (SANTOS *et al.*, 2014). Ele sempre existiu, porém não era estudado, e muitas vezes suas vítimas sofriam caladas. Somente a partir da década de 1970, na Noruega, na Universidade de Bergen, sendo o professor Dan Olweus o precursor dos estudos, desenvolvendo os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferencia-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo (CALHAU, 2011).

Diante deste fenômeno é necessário conhecer sua ocorrência dentro do ambiente escolar, e suas refletir manifestações e possíveis soluções dentro da Educação Física.

METODOLOGIA

Foram realizadas diversas leituras para se apropriar deste tema, buscando livros e artigos que pudessem compreender melhor esse tema e sua ocorrência. Utilizamos a pesquisa bibliográfica, buscando a partir de 2008 estudos na base de dados Scielo e Capes que contribuíram significativamente para este trabalho. Conforme Marconi e Lakatos (2003) a pesquisa documental a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias, estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois. Esse tipo de trabalho proporciona não só a ampliação de conhecimentos como também a compreensão de certas questões. Com o estudo de livros e artigos científicos referentes ao tema de estudo, o pesquisador pode agregar diversas informações, minimizando a chance de ocorrência de erros, obtenho assim uma fonte indispensável de conhecimento, podendo traçar hipóteses e até mesmo formular outros caminhos para futuros estudos. No total foram 13 fontes bibliográficas que trouxeram reflexões interessantes acerca deste assunto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Para Izidoro; Lamp e Pereira (2016) a Educação Física na Escola deve oportunizar a todos os alunos construções de capacidades motoras, sem selecioná-las, ou seja, todos os alunos têm o direito de participar das aulas de Educação Física. As aulas devem proporcionar aos alunos as mais diversas práticas da cultura corporal de movimento, valorizando uma postura crítica referente aos temas abordados.

Dentro do ambiente escolar, os professores devem estar atentos a este fenômeno, para que possam auxiliar os alunos, sendo que através de sua didática, e atenção com os alunos, adquirem proximidade, estreitando laços de confiança, fator que pode ser interessante para que o aluno que sofre com o *bullying* possa exteriorizar o que passa despercebido, gerando muitas vezes sofrimento e isolamento.

Diante da violência presente em muitos contextos sociais, o *bullying* manifestado no dia a dia de crianças e jovens no mundo inteiro, além de se destacar no ambiente da educação, é notoriamente reconhecido como um problema de saúde pública, uma vez que todos os envolvidos (vítima / autor / testemunha) adoecem ou já estão doentes (COUTO *et al.*, 2012).

O *bullying* é um ato violento que acontece em diversos contextos, e na escola pode ser uma porta de afirmação de poder interpessoal por meio da agressão cometida por um ou mais indivíduos. Marcolino *et al.*, (2018) aponta que é necessário conhecer os elementos que contribuem para o surgimento e propagação do bullying, avançando na construção de padrões de interpretação e análises acerca desse fenômeno cotidiano, no meio escolar, como possibilidade de intervenção no campo da saúde coletiva e individual.

Nas aulas de Educação Física, muitas vezes alguns comportamentos que podem ser associados a situações que dizem respeito à prática de *bullying*, ou podem vir a ser, são presenciados em situações corriqueiras das aulas, ou durante as práticas físicas. Nas atividades competitivas podem acentuar-se comportamentos associados ao *bullying*, realizados com alunos que tenham sobrepeso, problemas de visão, asma, ou dificuldades motoras, sendo que os agressores utilizam palavras pejorativas ao se dirigirem aos colegas, ou manifestando-se contrários a presença da vítima em sua equipe, ou ainda isolá-los e inibi-los para que não pratiquem. Compreender como o *bullying* ocorre, e refletir sobre estratégias de prevenção, e ação durante sua ocorrência, é papel fundamental para que possamos abordá-lo para diminuir sua ocorrência.

Para Santos (2010) a Educação Física, disciplina curricular relevante e necessária ao desenvolvimento juvenil, propicia aos discentes uma maior exposição nas aulas práticas das suas potencialidades e limitações. Essas últimas, na maior parte das vezes, são fatores que ensejam o surgimento do fenômeno *bullying* com consequências imprevisíveis, visto que a Educação Física, enquanto disciplina que tem por objeto o corpo, pode reforçar o *bullying* criando estereótipos, mas pode também, ser uma ferramenta no combate a esse mal que cresce assustadoramente na sociedade contemporânea.

Compreender como o *bullying* ocorre, e refletir sobre estratégias de prevenção, e ação durante sua ocorrência, é papel fundamental para que possamos abordá-lo para diminuir sua ocorrência.

Nas situações de *Bullying* encontram-se características pessoais da vítima, do agressor e das próprias testemunhas que podem interferir nas situações estimulando ou inibindo sua ocorrência. As formas mais frequentes de *bullying* são: verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos); física e material (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima); psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar); sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar); virtual ou ciberbullying (realizado por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras, internet, redes sociais, entre outras). (SANTOS *et al.*, 2014).

O *bullying* pode conduzir a vitima a um processo de estigmatização, porém, é possível também perceber que a criança estigmatizada passa a ser o alvo de novos agressores. Portanto, o *bullying* pode causar estigmatização consequentemente um círculo vicioso, de novos agressores e agredidos. Este fenômeno tem diversas causas e que gera muitas consequências nocivas como a estigmatização de alunos, podendo marcar tanto sua infância, adolescência e até mesmo a vida adulta.

Presenciam-se muitas vezes no ambiente escolar, práticas de *bullying*, com diversos alunos, porém pode haver tendência por parte dos agressores em alunos que tenham sobrepeso ou obesidade, dificuldades motoras, de estatura baixa, que usam óculos, ou algum tipo de limitação ou deficiência. Durante a aula podem ocorrer situações no qual as vítimas sofrem com agressões verbais, ditas diretamente, ou através de comentários maldosos entre os agressores. Tais situações levam esses alunos a serem estigmatizados, sofrendo com a prática pejorativa de seus colegas, baixando sua autoestima, dificultando a construção de amizades, e produzindo exclusão social. Para Monte *et al.*, (2009) "um estigma posto a um indivíduo prejudica não só a situação social corrente, mas também as relações já estabelecidas, prejudicando sua reputação e prolongando-se talvez durante toda a vida do indivíduo".

Os alunos com deficiência, ou com transtorno de coordenação, tímidos, ou com qualquer característica que chame a atenção dos agressores, são possíveis alvos a sofrer com discriminações, dentro ou fora da escolar, sendo que em diversas situações no ambiente escolar eles são inferiorizados, subestimados, estigmatizados por outros alunos, longe do olhar de professores.

Nas atividades competitivas os agressores têm dificuldades em controlar suas emoções e muitas vezes quando um colega seu erra algum movimento, o agressor se sente no direito de chamar a atenção, de agredi-lo verbalmente, fazendo com que o aluno agredido, sofra e sinta-se inferior aos demais, consequentemente poderá excluir-se aos poucos, para evitar sua participação nas atividades.

Em estudo realizado em Itajaí/SC, que avaliou a postura de professores quanto à inclusão, percebeu que muitos professores possuíam estigmas quando há alunos com deficiência física, e que não compreendiam estratégias de inclusão. Alguns pensavam que a aula não rendia quando tinham um aluno que deficiência, pois a aula tinha que ser voltada para esse aluno, e a aula era muito lenta e com pouca dinâmica. Em uma situação no recreio escolar os alunos maiores incluíram um aluno que gostaria de jogar futebol com os demais, mais que era de estatura muito baixa e tinha dificuldades de jogar, então eles sempre passavam a bola para este aluno antes de irem ao ataque, então ele acaba participando de quase todas jogadas da equipe, pois os jogadores da outra equipe davam um pouco de liberdade para ele poder receber o passe e produzir alguma jogada. Uma das professoras relatou que achou que esta não era a forma correta de jogar, pois esse é um jogo competitivo (SOUZA; PICH, 2013). Mesmo com as atitudes positivas e inclusivas que

os alunos tiveram, a professora se atentou a elementos do alto rendimento de um jogo competitivo com regras oficiais, não percebendo a necessidade de um olhar atendo do desporto educacional e formativo, bem como claramente com seu relato percebe-se um entendimento retrogrado do ensino. A competição deve ser tratada como elemento construtivo, cumprindo, dentre outros, um papel fundamental de encaminhar para cooperação, pois não se deve ver o outro somente como adversário, mais como alguém fundamental para que se possa jogar.

REFLEXÕES SOBRE A OCORRENCIA DO *BULLYING*

Compreender este fenômeno, conhecer práticas de combatê-lo e refletir sobre a melhor estratégia são fatores essenciais. Algumas pesquisas têm apontado reflexões no sentido de avançarmos nessa lacuna acadêmica.

Em uma pesquisa realizada na cidade de Minas Gerais, em escola pública que atende a 1200 alunos, participaram seis professores de diferentes formações, que lecionavam no 6º ano do Ensino Fundamental da referida escola. Identificou-se que os professores pesquisados têm conhecimento, não aprofundados, para definir o *bullying*, porém relatam que tem dificuldade para identificar suas manifestações, e quando encontradas muitas vezes não sabem qual a melhor forma de conduzir a situação (SILVA *et al.*, 2014).

Pesquisa realizada em Porto Alegre permitiu compreender a percepção dos estudantes sobre *bullying*. Todos participam por vontade própria nos círculos restaurativos que são espaços nos quais, as testemunhas, o agressor ou a vítima, podendo participar também familiares e a comunidade, discutem os fatos ocorridos através da medicação de um coordenador. Os estudantes consideram positiva a participação nos círculos restaurativos, pois os fazem pensar sobre o fato ocorrido e muitas vezes se arrependem de ter brigado, discutido, além de perceberem, através do diálogo, que são benquistos na escola, os círculos contribuem para elevar a autoestima dos estudantes e geram propósitos de mudança e de reflexão. (SANTOS *et al.*, 2014).

No município de Macapá, capital do Amapá, em uma escola estadual, foram identificadas agressões físicas (tapas, socos e chutes), verbais (apelidos, palavrões) e psicológicas (gozações, ameaças) por parte dos alunos. As agressões aconteciam com certa repetição, sem motivo conhecido e sempre direcionado aos mais tímidos. Os eventos de *bullying* ocorriam com mais frequência quando os conteúdos das aulas eram focados somente na competição. Quando alguém, ou algum grupo, perdia o jogo, ocorriam: zombarias com o colega que era empurrado e recebia tapas na cara; comentários maldosos; palavrões, sendo excluído da brincadeira, não lhe dando chance para participar novamente. As situações de agressões nas aulas eram praticadas mais por meninos do que pelas meninas. Quanto aos professores, apresentarem razoável conhecimento sobre o *bullying*, porém observou-se na sua prática o seguinte: os professores diante casos de *bullying* tinham por hábito dar as chamadas "broncas", expondo os alunos agressores a situações constrangedoras, ameaçando-os de não ir ao banheiro ou beber água, ou deixando-os sem aula, utilizando esta forma para controlar a turma, porém, passado um pequeno espaço de tempo, as ofensas tornavam a acontecer. Alguns professores não se mostravam preocupado com as ocorrências do *bullying*, procuravam não se envolver muito com seus alunos, se mostrando passivo e omisso diante os problemas em sala de aula, somente chamava a atenção do agressor que ainda eram raríssimas vezes, estava preocupado em apenas cumprir o conteúdo didático (FURTADO; MORAES, 2010).

Em estudo de Oliveira e Silva (2012), os resultados apontaram existência de manifestações de *bullying* nas aulas de Educação Física, caracterizando-se por meio de agressão verbal, desinteresse, gestos e apelidos ofensivos, exclusão, implicância e intimidação.

Conforme pesquisa realizada nas cidades de São Paulo/SP, Juiz de Fora/MG, Volta Redonda/RJ, com relação aos contextos em que as práticas de *bullying*, observou-se que elas tendem a ocorrer nas salas de aula (33,3%), recreio (25,4%) e outros locais (15,4%). Corredores/escadas e banheiro apareceram com 8,9% cada e refeitório ou cantina com 8,3%. Alguns alunos do quarto ano relataram sobre prática de *bullying* nas aulas de Educação Física (no item outros locais). Em todas as séries, a sala de aula é um dos locais onde as práticas ocorrem com maior frequência. Quanto às formas de *bullying* sofridas pelas vítimas, constatou-se que a verbal é a que mais se destaca, manifestando-se de forma direta ou indireta, em comportamentos como colocar apelidos ou nomes (26,7%), falar escondido (18,4%), parar de conversar (11,2%), fazer sentir medo (6,3%), ofender por causa da cor/raça (4,9%) e espalhar mensagens por telefone ou internet para prejudicar (0,5%). A vitimização ocorre, também, na forma de ataque aos bens materiais, particularmente pegar coisas sem permissão (15,0%), e física, especificamente bater, dar socos, murros (9,7%) ou chutes. (LAMAS; FREITAS; BARBOSA, 2013).

Em estudo de Bomfim *et al.*, (2012), foram avaliados 140 alunos da 7ª e 8ª séries de uma escola da cidade do Guará, Distrito Federal. Os participantes responderam a um questionário a respeito da ocorrência de maus tratos nas aulas de Educação Física. Constatou-se que 28,0% dos alunos já se sentiram maltratados por colegas, com 3,7% dos alunos relatando exclusão social; 3% ameaças, agressão verbal em jogos e agressão racial; 2,1% agressão física; 1,5% boatos e intrigas e 1,4% exclusão do time. Destes que sofreram *bullying* apenas 10% relataram que colegas o ajudaram tentando fazer que os agressores parassem.

Com a crescente diminuição de espaços públicos e seguros para as práticas esportivas muitos alunos tem como única opção para prática de exercícios físicos a escola. No ensino público é comum encontrarmos escolas que só tenham o ensino de Educação Física ministrado por profissional de Educação Física a partir do 6º ano no ensino fundamental. Um dos conteúdos que atraem muitos olhares por parte das crianças já no 4º e 5º ano e desperta o para iniciar sua prática são os esportes. Para Scalon (2004) a criança procura iniciar uma prática esportiva, buscando principalmente, divertimento, alegria e prazer. Ela vai ao encontro de seus amigos e também no intuito de fazer novas amizades. Desenvolver aulas dinâmicas, com desafios a todos, torna agradável e motivam os alunos que chegam entusiasmados na aula de Educação Física. O ensino lúdico também proporciona oportunidades para iniciação de uma forma descontraída. Martínez (2012) fala que os alunos, principalmente os meninos, do ensino fundamental, o futebol está entre os esportes preferidos, e que os mesmos entendem ser importante à prática de atividades físicas para a saúde. As meninas apesar de pensar o mesmo entendem que os meninos têm mais oportunidades para a prática de futebol do que elas. A obesidade é comumente associada a o estigma da discriminação, pois no esporte de rendimento da preferencia é sempre pelos mais rápidos, mais fortes mais técnicos, e quando se pratica esporte, mesmo que no ambiente infantil, privilegiando a competitividade, esse estigma transformasse em um obstáculo. Deve-se diminuir o caráter competitivo, e a busca unicamente pela vitória. Para isso deve-se trabalhar o esporte como veiculo educacional, desenvolvendo a prática onde o valor de equipe sobrepõe-se ao esporte competição. Para Ortiz (2005) as atividades devem proporcionar uma participação ampla das crianças e adolescentes no processo de ensino-aprendizagem, sendo este papel importante como meio pedagógico. O ato de jogar deve ser utilizado como meio formativo, na infância e na adolescência. A atividade lúdica deve ser utilizada como um elemento metodológico, pois auxilia a criança em sua formação integral.

Na perspectiva da inclusão, o professor deve sempre buscar alternativas para que possa desenvolver um trabalho bem planejado no qual todos os praticantes da turma possam participar juntos e desenvolver-se. Para Montoan *et al.*, (2006) a educação inclusiva tem sido caracterizada como um "novo paradigma", que se constitui pelo apreço à diversidade como condição a ser valorizada, pois é benéfica a escolarização de todas as pessoas, pelo respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem e pela preposição de outras práticas pedagógicas, o que exige ruptura com o instituído na sociedade e, consequentemente, nos sistemas de ensino".

Sabe-se que nossa sociedade, apesar dos debates frequentes sobre a inclusão e o respeito às diferenças, produz e muitas vezes reproduzem preconceitos que acabam criando estigmas sociais que prejudicam muitas pessoas, ora sem intensão, ora intencionalmente, sendo ato discriminatório e podendo levar a exclusão. Deve-se valorizar o esporte, como ferramenta educacional, possibilitando aqueles que poderiam ficar marginalizados, na perspectiva competitiva, possam ser também protagonista em uma proposta pedagógica, visto que o esporte agrega diversos valores, desenvolvendo os seguindo princípios educacionais, como observa Bickel; Marques e Santos, (2012) o processo de inclusão não é fácil, visto que exige analise da situação e dos envolvidos no processo, e buscar ações de como fazer com que eles compreendam o seu papel, e a necessidade de uma mudança, pois isso exige uma mudança de postura, pois é mais fácil para muitos fechar os olhos e ficar acomodados, passivos, deixando que os valores a ser desenvolvidos se percam em meio à comodidade. Para Lima (2010) atualmente fala-se muito em inclusão social, porém é importante o questionamento das condições dessa inclusão. Principalmente, se é possível incluir as pessoas no modelo social em que estamos inseridos. No modelo atual é muito difícil, é necessário primeiramente à transformação do modelo de sociedade para que se possam incluir as pessoas e assim estabelecer oportunidades de igualdade social.

Marcolino et al., (2018) avaliou 678 escolares no ensino fundamental de escolas publicas na cidade de Campina Grande no estado da Paraíba, objetivando analisar a prevalência de vitimização e agressão por *bullying* nas suas diversas tipologias, associadas aos fatores sociodemográficos e comportamentos de risco em estudantes do 6º ao 9º ano. Foi verificado, através das entrevistas, que 29,5% dos escolares consideraram ter sofrido pelo menos quatro vezes nos últimos seis meses, as situações de violência escolar com caráter de *bullying*. Dentre os tipos de *bullying* sofridos pelos estudantes, o *bullying* psicológico (espalhar fofocas, excluir de atividades, xingar, ameaçar, ridicularizar) predominou nas situações; 23,3% dos estudantes relataram sofrer este tipo de violência escolar. Enquanto o *bullying* físico (dar tapas, socos, chutes, empurrar) e virtual (enviar

mensagens por via telefone ou internet de ameaça, xingamento, ridicularização, ofensa) alcançaram 15% e 5,5% dos estudantes, respectivamente. Quanto à prevalência da prática de bullying autorrelatada, 8,4% dos estudantes afirmaram praticarem *bullying*, caracterizando-se como agressores. O *bullying* psicológico mostrou-se como o mais praticado pelos estudantes; 5,3% relataram a prática deste, enquanto 4,6% afirmaram praticar *bullying* físico e apenas 0,6% declararam produzir *bullying* virtual com os pares.

PENSANDO ALTERNATIVAS PARA DIMINUIÇÃO DO *BULLYING*

Através dos estudos apresentados observa-se a necessidade de colocar em prática estratégias que possam colaborar com a diminuição da violência, pois naquele que sofre com o *bullying* além de problemas de aprendizagem pode ter problemas de socialização que impactem em sua vida.

Conforme Costa *et al.*, (2012), em uma escola pública na periferia de Ribeirão Preto/SP, muitos alunos que praticavam *bullying*, mostravam-se perturbados com suas vidas, com suas relações familiares e sociais e tinham muita vontade de mudar, porém sem saber como. Na disciplina de Educação Física, foram desenvolvidos três projetos pedagógicos, com a intenção de minimizar a indisciplina e o *bullying* escolar: Projeto Monitores da Bagunça: Foram selecionados alguns monitores (aqueles alunos tidos como indisciplinados) dentro das classes para ajudar no monitoramento da disciplina durante as aulas. Durante a realização dos jogos, ajudaram na realização das súmulas, da arbitragem e da cerimônia de premiação. Projeto Reciclar: Com esse projeto a abordagem de temas transversais - como educação sexual, relações de trabalho, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, drogas, objetivando uma inserção dos alunos no contexto de cidadania. Projeto Cidadão: Com esse projeto a abordagem de temas transversais - como a educação sexual, relações de trabalho, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, drogas, objetivando uma inserção dos alunos no contexto de cidadania. Esses projetos propunham o envolvimento do aluno para prática de conscientização moral e ética, e contribuíram para diminuição de *bullying* e a inserção desses alunos agressores de forma participativa e positiva no ambiente escolar.

Não é um processo simples acabar com o nas aulas de Educação Física, visto que ele é um fenômeno que ocorre em diversas circunstâncias dentro da escola. Marcolino *et al.*, (2018) fala que *bullying* dentro da escola é uma problemática de ocorrência constante, e deve-se priorizar o rompimento de tal ciclo, ressalvando-se que o mesmo permanece diretamente relacionado aos determinantes sociais e aos contextos no qual se encontra inserido, o que requer ações multidisciplinares e intersetoriais no sentido de implementar políticas públicas que visem o incentivo a valores e atitudes de paz e convivência saudável nas escolas, ademais ações educativas de prevenção ao *bullying* na escola são voltadas aos grupos prioritários identificados neste estudo, ou seja, escolares do sexo masculino que apresentam envolvimento significativo nas situações de *bullying*.

Professores de Educação Física de Campo Mourão, Paranã apresentam como ações para evitar e combater o *bullying*, chamar atenção dos alunos quando a ocorrência de algum fato, dialogar com os alunos para que eles compreendam a problemática, e orientar o agressor e a vítima. Também acham interessante desenvolver palestras, vídeos, cursos de conscientização sobre *bullying*. Adotar jogos cooperativos, utilizar o esporte como meio educacional e não valorizar os resultados mais sim outros valores mais importantes (OLIVEIRA; SILVA, 2012).

Não é um processo simples acabar com o nas aulas de Educação Física, visto que ele é um fenômeno que ocorre em diversas circunstâncias dentro da escola. Marcolino *et al.*, (2018) fala que *bullying* dentro da escola é uma problemática de ocorrência constante, e deve-se priorizar o rompimento de tal ciclo, ressalvando-se que o mesmo permanece diretamente relacionado aos determinantes sociais e aos contextos no qual se encontra inserido, o que requer ações multidisciplinares e intersetoriais no sentido de implementar políticas públicas que visem o incentivo a valores e atitudes de paz e convivência saudável nas escolas, ademais ações educativas de prevenção ao *bullying* na escola são voltadas aos grupos prioritários identificados neste estudo, ou seja, escolares do sexo masculino que apresentam envolvimento significativo nas situações de *bullying*.

Promover alternativas, por parte dos professores, para que o aluno agressor possa compreender que atitudes negativas geram situações constrangedoras para quem é agredido, é fundamental no processo de conscientização. Lamas; Freitas e Barbosa (2013) fala que a maneira como os professores reagem aos pedidos de ajuda de seus alunos é de grande importância no combate e prevenção, e que é essencial o professor estar sempre a tento, pois boa parte das vítimas acreditam que nunca ou quase nunca os professores fazem algo para cessar a vitimização. Desta forma esses alunos não estarão seguros para denunciar esses atos.

Deve-se, portanto, ter seus múltiplos determinantes e efeitos investigados para que sejam desenvolvidas estratégias de intervenção eficazes.

Para Farenzena (2008), compreender a gênese e o núcleo da violência, parece ser uma forma eficaz para que mais violência não seja cometida. Por vezes o *bullying* é a única via para a sobrevivência de uma estrutura fragilizada. Quando falha o olhar adulto na decodificação do que está subjacente a esses mecanismos, assegura-se a retroalimentação do *bullying*. Compreendê-la as propriedades do fato é uma etapa que se faz necessária quando a consciência de que há crianças em risco dinamiza a ação educativa.

Adotar estratégias de prevenção, bem como detectar precocemente o problema parece ser a maneira mais adequada para reduzir a chance de que este e outros problemas, como, as dificuldades emocionais e de aprendizagem sejam desenvolvidas. Logo, deve-se preocupar com a capacitação e a formação continuada dos professores, dando-lhes subsídios para conhecer melhor e saber como intervir e diminuir os casos de *bullying*, assumindo, uma postura crítica diante do problema (FURTADO; MORAES, 2010; OLIVEIRA; SILVA, 2012; SILVA *et al*., 2014).

Para Rechineli; Porto e Moreira (2008) no presente os esforços para inclusão estão criando novas possibilidades, e no futuro, que se espera ser próximo, deve-se refletir sobre os corpos diferentes, analisar a partir da motricidade humana, respeitar em sua complexidade e sua totalidade no que pensam, sentem, aprendem, para que tenham a oportunidade de viverem e buscarem se superarem, transcendendo a cada oportunidade vivida. O professor tem papel decisivo na tarefa de criar oportunidade tangível para a participação de todos os alunos.

Para Timm (2012) professores e pais, devem compreender a necessidade de um olhar atento sobre as crianças, que rigidez, agressividade, omissão dos fatos de nada adiantará. Precisa-se educar no diálogo, no afeto e no respeito, construindo e permitindo, desta forma, um futuro melhor. Não pode a família ou a escola resolver sozinha, o que fazer diante do fenômeno, mas sim, deve-se a tríade (família, escola e estudante), e encontrar os meios para a pacificação, garantindo desta forma, a boa convivência entre todos, e principalmente (neste caso), no âmbito educacional.

Observa-se que o fenômeno *bullying* presente no contexto escolar além de afetar no ensino aprendizagem, principalmente para quem é vítima, pode produzir uma série de malefícios, como a tristeza, dificuldades de relacionamento e agressividade. Para Bomfim *et al*., (2012) as aulas de Educação Física podem ser utilizadas para promover atividades que visem à integração dos alunos, evitando ressaltar as qualidades e defeitos que possam resultar em agressões a outros, sejam elas verbais ou físicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que o diálogo com os alunos, no sentido de orientar, conscientizar, debater, este tema, auxilia para que todos os alunos compreendam que são importantes e tem papel fundamental para criação de um ambiente agradável, propicio a aprendizagem. Na Educação Física podemos abordar os conteúdos de forma teórica, introduzindo o assunto, e trabalhar atividades práticas que desenvolvam socialização e cooperação. Os alunos em situação de inclusão sofrem com estigmas e discriminações em diversos ambientes, sendo, inferiorizados, subestimados, estigmatizados pela sociedade. Cabe ao professor a tarefa de criar oportunidade tangível para sua participação. Os jogos e atividades competitivas podem ser trabalhados, com regras simples de convivência, para que todos possam participar, e junto com os alunos refletir sobre a importância de respeito aos colegas, compreender as diferenças individuais, e tirar o peso competitivo de ganhar e perder, e focar no aspecto da participação, enfatizando que participar é o mais importante. Utilizando também o esporte educacional, contribuindo no processo de formação, transmissão de valores, como respeito, cordialidade, confiança, autoestima, cooperação, tirando um pouco do caráter competitivo, valorizando a trabalho grupo, a prática saudades, e a amizade.

Dessa forma toda comunidade escolar, direção, professores, alunos e pais devem ser agentes fundamentais para o combate do *bullying*. O professor de Educação Física pode desenvolver com seus alunos uma relação de proximidade, transmitindo confiança e respeito, para que os eles fiquem a vontade de expor fatos que muitas vezes passam despercebidos, e assim tendo conhecimento da situação o professor pode fazer a intervenção. Também entende-se que trabalhar atividades de conscientização atuando na prevenção podem minimizar a ocorrência de *bullying*, e fazer até com que aqueles alunos tidos como possíveis agressores, encontrem formas de canalizar sua energia e sintam-se atuantes dentro da escola, contribuindo para seu desenvolvimento e para um ambiente mais favorável a aprendizagem de todos.

Para que possamos reduzir o *bullying*, devemos refletir constantemente estratégias de inclusão e integração, sendo que as ideias muitas vezes acontecem com base no estudo deste aluno, e na verificação de quais necessidades ele tem para que possa participar e ser incluso nas tarefas propostas, sempre atentas para esclarecer que o rendimento esportivo, e o desempenho motor esperado devem estar associados com aquilo que ele possa produzir. Valorizar o esforço, a participação, para que todos os colegas participem juntos é fator fundamental para o ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BICKEL, É.A.; MARQUES, M.G.; SANTOS, G.A. dos. Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais. **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Buenos Aires, ano 17, n 171, agosto. 2012. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd171/esporte-e-sociedade-a-construcao-de-valores.htm>. Acessado em 11 de dezembro de 2017.

BOMFIM, D.L et al. Ocorrência de *bullying* nas aulas de educação física em uma escola do distrito federal. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.15, n.2, p.302-317, abr./jun. 2012.

CALHAU, L.B. *Bullying*: o que você precisa saber. 3.ed. Niterói: Ímpetos, 2011.

COSTA, T.P. et al. A função do educador físico do enfrentamento do fenômeno *bullying* do âmbito escolar. **Perspectivas online: Biologia e saúde,** Campo dos Goytacazes, v.4, n.4, p.28/40. 2012.

COUTO, A.C.P. et al. Formas de intervenção do profissional de educação física dos núcleos de apoio à saúde da família – Nasf's no Combate e na prevenção ao *bullying*. **Motricidade**, v.8, n.S2, p.842-848, ago./set. 2012.

FARENZENA, R.C. O *bullying* na escola: a infância (en) contra a infância. **Anais**...EDUCARE – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2008. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/1221_929.pdf Acessado em 3/3/2015.

FURTADO, D.S.; MORAES, P.J. dos S, de. *Bullying* nas aulas de educação física e o papel do professor. **Lecturas: Educación Física y Deportes,** Buenos Aires, ano 15, n. 147, agosto de 2010. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd147/bullying-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm> Acesso em 10 de março de 2016.

LIMA, L.N. **Lazer, violência e estigma: estudos dos jovens do Vila do Ipê.** 2010. 108f. Dissertação (Curso de Mestrado em Ciências) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2010.

IZIDORO, C.A.R.; LAMP, L.G.; PEREIRA, R.R. Lutas: uma possibilidade na educação física escolar. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v.15, n.3, p. 123-130, 2016.

MARCONI, M.D.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas 2003.

LAMAS, K.C.A.; FREITAS, E.R.; BARBOSA, A.J.G. Bullying e relação professor-aluno: percepções de estudantes do ensino fundamental. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v.44, n.2, p.263-272, abr./jun. 2013.

MARCOLINO, E. de C. et al. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto contexto - enferm**. [online]. 2018, v.27, n.1, e5500016. Epub Mar 01, 2018. ISSN 0104-0707. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018005500016> Acesso em 13 de junho de 2018.

MARTÍNEZ, D.C. Representación social de deporte y educación física en estudiantes con obesidad. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, v.10, n.2, p. 983-1001. 2012.

MONTE, N.B et al. Ética, estigma e discriminação de grupos. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 14, n 132, maio. 2009. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd132/etica-estigma-e-discriminacao-de-grupos-vulneraveis.htm>. Acesso em 15 de outubro de 2015.

MONTOAN, M.T.E. et al. **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. São Paulo. Summus. 2006.

OLIVEIRA, Q.C. de; SILVA, M.C. da. Bullying no contexto das aulas de Educação Física. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 17, n. 170, julho. 2012. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd170/bullying-no-contexto-de-educacao-fisica.htm>. Acesso em 23 de novembro de 2016.

ORTIZ, P.J. Aproximação teórica à realidade do jogo. In: MURCIA, J.A.M. et al. **Aprendizagem através do jogo**. Trad. Valério campos. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RECHINELI, A**.;** PORTO**,** E.T.R.; MOREIRA, W.W. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física. **Revista brasileira de educação especial**. Marília, v.14, n.2, p.293-310. Maio/Ago. 2008.

SANTOS, A.M. dos et al. Bullying nas escolas: a metodologia dos círculos restaurativos. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v.37, n.2, p.278-287, maio/ago. 2014.

SANTOS, M.P. de O. Fenômeno bullying na Educação Física Escolar: um estudo de caso no Distrito Federal. **Lecturas: Educación Física y Deportes,** Buenos Aires, ano 15, n. 143, abril. 2010. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd143/fenomeno-bullying-na-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em 11 de agosto de 2017.

SCALON, R.M. et al. Motivação no esporte. In: SCALON, R.M. (org). **A psicologia do esporte e a criança**. EDIPUCRS. Porto Alegre. 2004.

SILVA, J.L. da S. et al. Bullying: Conhecimentos, atitudes e crenças de professores. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v.45, n.2, p.147-156, abr./jun. 2014.

SOUZA, G.C. de; PICH, S. A reorientação da ação pedagógica na educação física sob a perspectiva da inclusão: a pesquisa-ação como caminho. **Movimento**. Porto Alegre, v.19, n.03, p.149-169, jul/set. 2013.

TIMM, J.W. Bullying: o principal vilão da boa convivência. (In) Formando uma equipe para o êxito! **Revista Educação por Escrito** – PUCRS, v.2, n.2, p.15-24 jan. 2012.

Rua Mario Totta, 893
Americana
Alvorada/RS
94820-401